



PREFEITURA DE SANTOS

Secretaria de Educação



UME THEREZINHA DE JESUS SIQUEIRA PIMENTEL

ROTEIRO DE ESTUDOS/ATIVIDADES

ANO: CII- T1/T2/T3/T4

COMPONENTE CURRICULAR :HISTÓRIA

PROFESSORES: MARCELO FERRAZ RIBEIRO

PERÍODO DE 17/08/2020 a 04/09/2020

A SAÚDE NO BRASIL COLÔNIA E A REVOLTA DA VACINA

A Expansão Marítima e Comercial fez os reinos europeus ocuparem novos territórios, impondo sua cultura aos povos nativos, mas também, contagiando-os com doenças infectocontagiosas trazidas pelo colonizador que causaram a morte de milhares de indígenas.

Por outro lado, os portugueses também trouxeram o conhecimento médico e medicamentos. No século XVI, diante das necessidades da colônia, o Conselho Ultramarino português - órgão responsável pela administração das colônias - incentivou a vinda de médicos para ao Brasil, criando os cargos de físico-mor e de cirurgião-mor. Poucos profissionais, contudo, arriscaram se nessa aventura porque as condições de vida na colônia eram difíceis, e os salários, muito baixos.

Assim, durante o período colonial, as questões de saúde ficaram relegadas principalmente aos cuidados dos cirurgiões barbeiros, dos aprendizes de boticários, dos padres jesuítas e das práticas de cura de origem européia, indígena e africana.

PRÁTICAS DE CURA

No território brasileiro, as práticas de cura dos portugueses foram adicionadas práticas dos povos indígenas e dos africanos escravizados, já que os diferentes povos indígenas e os de origem africana também possuíam seus próprios saberes para curar ou atenuar os sintomas de algumas doenças.

Durante todo o período colonial, essas práticas de cura foram muito utilizadas pela população devido à falta de médicos e aos altos custos dos remédios. Muitas das práticas de cura populares realizadas ainda hoje pelos brasileiros são herança da troca de saberes entre esses povos.

1. Como a população brasileira tratava as doenças durante o período colonial?

2. Uma das heranças das tradições africanas na cultura brasileira é a prática da benzeduras, ainda muito comuns em algumas regiões do Brasil. Na região em que você vive ainda existe algum benzedor?

3. Qual a sua opinião sobre a prática de benzer?

O OFÍCIO DO BOTICÁRIO

O primeiro boticário a mudar-se para o Brasil foi o português Diogo de Castro, diplomado em Coimbra. A maior parte dos boticários que atuavam na colônia, contudo, não tinham conhecimento

formal. Em geral, eram pessoas de famílias humildes, com algum conhecimento prático sobre o preparo de medicamentos.

Esses profissionais instalaram no Brasil as BOTICAS. Para a abertura de uma botica, o interessado deveria passar por um teste aplicado por um representante da Coroa. Se aprovado, era autorizado a abrir a loja e preparar os medicamentos. Esse tipo de comércio, contudo, só foi legalizado pelo governo português em 1640, juntamente com a prática da sangria.

As boticas mais famosas foram as dos jesuítas, concorrentes dos boticários. Além de manipular substâncias químicas, incorporaram matérias primas utilizadas pelos indígenas. Nelas se produziam medicamentos que depois eram vendidos em toda a colônia.

BOTICÁRIOS E FARMACÊUTICOS

Embora não fossem formados, os boticários eram reconhecidos pela população como farmacêuticos. Por isso, mesmo após a implantação dos estudos de Farmácia no Brasil, os farmacêuticos diplomados ainda eram chamados de "boticários".

Em 1832, porém, foi implantada uma lei que proibia qualquer pessoa de oferecer tratamentos médicos ou possuir botica sem cursar a faculdade de Medicina ou de Farmácia. Assim, os proprietários de boticas passaram a pagar farmacêuticos diplomados para atuar em seus estabelecimentos.

Como tempo, as designações "boticário" e "botica" foram sendo substituídos por "farmacêutico" e "farmácia", termos que diferenciavam a atuação desses estabelecimentos.

4. Qual era a diferença entre os ofícios do boticário e do farmacêutico?

AS PRIMEIRAS ESCOLAS DE MEDICINA

Durante o período colonial, diversas doenças infectocontagiosas espalharam-se pelo Brasil, transmitidas pelos viajantes.

A escassez de médicos na colônia por muito tempo fez a população recorrer a outros tipos de atendimento para tratar doenças. Além disso, as pessoas também tinham receio de consultar os médicos, pois os tratamentos baseavam-se em sangrias e purgantes.

A partir de 1808, porém, com a chegada da família real, algumas melhorias foram implantadas no Brasil. Nesse contexto, o príncipe regente D. João instalou as primeiras escolas de medicina do Brasil, como objetivo de formar na colônia profissionais diplomados na área de saúde (praticamente inexistentes nessa época).

Assim, em fevereiro de 1808, foi fundada em Salvador a escola de Cirurgia da Bahia, que passou a funcionar no antigo Colégio dos Jesuítas, sede do Hospital Militar. No mesmo ano, um decreto real determinou a criação da Escola Anatômico-cirúrgica e Médica, no Rio de Janeiro, precursora da Faculdade de Medicina do Brasil.

Mais tarde, em 1835, durante o período imperial, foi criada a Imperial Academia de Medicina, que reunia os principais médicos do Rio de Janeiro. Essa academia funcionou, por muitos

anos, como órgão consultivo de D. Pedro I nas questões relativas à saúde pública.

5. O que mudou no campo da saúde com a chegada da família real ao Brasil em 1808?

6. Na sua opinião, como as questões de saúde e doença se relacionam com os fatores sociais?

A IRMANDADE DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

No início do processo de colonização foi implantada a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, a primeira instituição hospitalar e de assistência social de que se tem notícia no Brasil. A instalação das primeiras unidades ocorreu ao longo do século XVI e XVII. Em pouco tempo, elas se espalharam pelas principais cidades e vilas da colônia.

Muitas dessas instituições ainda são atuantes no Brasil, como a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Santos (SP) - considerada a mais antiga do país.

Na atualidade, as Santas Casas são mantidas por meio de convênios com o Sistema Único de Saúde (SUS) e com doações feitas pela sociedade civil.

A REFORMA SANITÁRIA

Até o início do século XX, os grandes centros urbanos no Brasil apresentavam péssimas condições sanitárias e urbanísticas. Além de propagar epidemias, isso também prejudicava a economia. Muitos países não permitiam que seus navios

atracassem em portos brasileiros, temendo o contágio dos tripulantes, o que dificultava o comércio. Assim, após a Proclamação da República, em 1889, muitas cidades brasileiras foram modernizadas, o que incluiu também a reforma sanitária dos principais centros urbanos.

A modernização das cidades brasileiras resultou, em muitos casos, em um aumento da marginalização da população carente, provocando muitas tensões e insatisfações populares. A situação agravou-se com a aprovação, em 1904, da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola, que levou a REVOLTA DA VACINA.

O momento mais tenso da Revolta da Vacina ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, onde as mudanças decorrentes de intervenções urbanísticas e sanitárias, comandadas pelo prefeito Pereira Passos e pelo médico Oswaldo Cruz, haviam sido mais drásticas.

Sem nenhum tipo de assistência e excluída das melhorias implantadas apenas nas áreas centrais, a população carente do Rio de Janeiro teve ainda de se submeter ao programa de vacinação obrigatória.

Para garantir o sucesso dessa ação, o governo criou uma polícia sanitária com poderes para obrigar todos a tomar a vacina. Quem se recusasse podia ser preso e forçado a pagar as despesas médicas caso adoecesse no cárcere.

Assustada, a população reagiu contra o programa de vacinação, tanto pela falta de informação quanto pela maneira violenta como que foi posta em prática. Assim, em 10 de novembro de 1904, uma série de protestos ocorreu na cidade do Rio de Janeiro: tiroteios, quebra-quebras, barricadas, bondes incendiados, greves.

Somente em 16 de novembro, após suspender a obrigatoriedade da vacinação, o governo conseguiu controlar a rebelião, que ficou conhecida como a REVOLTA DA VACINA.

Conheça mais sobre a Revolta da Vacina acessando:

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/revolta-da-vacina>

Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=6i6v9f_aWjg

7. Durante sua infância houve alguma doença que se tornou epidemia na região em que você vivia? Qual foi essa doença? Você foi vacinado contra ela?

8. Leia o texto a seguir e responda às questões (a, b).

“O Brasil chega ao fim do século XX com graves problemas de saúde pública e projetando uma imagem de lugar extremamente insalubre, onde a vida se encontrava em risco constante, em virtude de precárias condições sanitárias de seus centros urbanos e dos diversos surtos epidêmicos que costumavam atingir sua população. O processo de urbanização e o crescimento populacional, aliados à ausência de infraestrutura básica, de legislação, de fiscalização e de conhecimentos adequados, agravavam os problemas resultantes das reduzidas condições de higiene observadas nas cidades da velha colônia portuguesa. [...]”

(PONTE, Carlos Fidelis. O Brasil no microscópio. Em: Na corda bamba de sombrinhas: a saúde no fio da história. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC/EPSJV, 2010, p. 49)

a) No início do século XX, o que levou o Brasil a ter "a imagem de lugar extremamente insalubre" conforme cita o trecho do texto.

b) Quais foram as consequências dessas ações de urbanização para a população brasileira daquele período?

9. A atual Constituição Federal prevê, em seu artigo 196:

"A Saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação".

a) Com base nesse artigo da Constituição Federal, escreva um pequeno texto sobre a questão da saúde pública no Brasil.

10. Que relação podemos estabelecer entre a Revolta da Vacina e a Pandemia de COVID19?

SANTOS E A CONSTRUÇÃO DOS CANAIS

A cidade de Santos tem uma área de 280 km², sendo 85% na zona continental e apenas 15% na insular, é de se imaginar quanto as terras da ilha eram alagadas. A realidade dos moradores até o início do século XX era de um imenso caldeirão de doenças contagiosas. Junto com a intensa e angustiante proliferação de mosquitos, mais o lixo, as fezes, e o clima quente e úmido Santos acabou conquistando o estigma de Porto Maldito por conta das epidemias aqui vividas e transmitidas (só a febre amarela, entre 1890 e 1900, dizimou 6.400 pessoas, ou seja, metade da população de Santos então).

Acesse o link abaixo e conheça mais o trabalho do Engenheiro sanitaria Saturnino de Brito e a construção dos canais de Santos.

CANAIS DE SANTOS

<https://www.cidadeecultura.com/canais-de-santos/>